

REFLEXÕES SOBRE NOSSAS APRENDIZAGENS NOS ESTUDOS FEMINISTAS NA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

AUTORES

Eliandra Silva Model ^{1.*}, Edla Eggert ^{2*}

171

1.* - Mestranda em Educação pela Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, eliandra.model@puccrs.edu.br

2.* - Dr. Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, edla.eggert@puccrs.edu.br

Resumo: Analisarei as experiências de leituras de estudantes do programa de Pós-Graduação em Educação na disciplina de Gênero, Raça e Classe sobre autoras brasileiras -mulheres feministas- brancas e negras e como elas estão relacionadas com nossas vidas. Para (re)conhecer e refletir sobre os estudos feministas realizamos leituras de Heleieth Saffioti (1987), Lélia Gonzales (2010), e Ivone Gebara (2000) por meio de debates em sala de aula virtual. Nesse percurso (auto) formativo, através da etnografia, observei (des)conhecimento das leituras feministas pelos estudantes. No entanto refletir sobre o empoderamento feminino é um meio de luta para a transformação social na vida das mulheres.

Palavras-chave: leituras feministas; mulheres; empoderamento.

INTRODUÇÃO

Estudar as questões de gênero, raça e classe na atualidade é poder (re)pensar nossas estruturas enquanto sociedade. É questionar os espaços onde transitamos como mulheres em uma sociedade que atualmente não está se preocupando com as questões de educação, com o conhecimento científico, nem com quem está nos representando politicamente. Essas questões nos ajudam a refletir sobre os espaços ocupados por nós mulheres e consequentemente nos ajudam a pensar como as demais pessoas e suas classes e raça se entrelaçam nas estruturas sociais de uma sociedade patriarcal. Sendo assim, me embaso nas reflexões das teóricas feministas de autoras brasileiras - negras e brancas- refletindo sobre a condição feminina no contexto social no qual vivemos e lutamos por melhores condições de vida para todos na sociedade e em especial às mulheres. Por que marcar a cor ou a raça das autoras? Pois a cor/raça define o lugar de onde elas falam, quem são, sua origem e assim sua trajetória. Nesse percurso (auto)formativo vou me aprofundar nos

conhecimentos produzidos de Heleieth Saffioti(1987), Gebara(2000) e Lélia Gonzales(2010).

Ivone Gebara é uma teóloga, que realizou um vasto trabalho junto aos movimentos sociais e a igreja católica na região de Recife/PE e é ligada também ao movimento da teologia da libertação. Suas lutas são por justiça social e em defesa das mulheres. Em sua obra – A mobilidade da senzala feminina- traz para discussão a necessidade de mulheres do nordeste do país de mudarem constantemente na busca por melhores condições de vida para si e para suas filhas e filhos. A falta de condições de trabalho, renda e a violência - tanto física como psicológica - vivida em alguns relacionamentos, seja amoroso ou seja familiar, faz com que essas mudanças sejam o impulsionador por tentativas de vidas melhores. Nessa primeira leitura observo o quanto é difícil a situação de vida da maioria das mulheres brasileiras que vivem nas periferias, da sua desmotivação e ao mesmo tempo da sua coragem de enfrentar as intempéries da vida e as consequências dessas vidas de exploração e marginalidade. A falta de participação nos movimentos sociais, políticos e a falta de frequentar a escola as levam a viver quase que isoladamente suas dores, sem participação na vida pública.

Discutimos Heleieth Saffioti que é uma socióloga filha de pai pedreiro e mãe costureira que começou a trabalhar desde muito cedo aos 14 anos de idade e em 1963 já era professora e tem seus primeiros escritos publicados, onde abordou as questões femininas das professoras primárias e das mulheres operárias. Foi orientanda de Florestan Fernandes, e em 1967 publica sua tese intitulada 'A mulher na sociedade de classe' onde questionava o patriarcado em meio a sociedade conservadora e em meio a Ditadura Militar, sendo considerada uma comunista. Sua tese foi publicada em várias línguas e por diversos países chegando ao Brasil mais tardiamente.

Saffioti, em “O poder do macho” (1987) se torna uma referência na discussão sobre as mulheres mostrando que o patriarcado é antigo no sistema

de exploração. Nessa obra ela traz uma análise do capitalismo como um meio de produção que torna homens e mulheres, principalmente as mulheres, escravos de um sistema que visa a produtividade, o lucro dos patrões em prol de uma liberdade econômica formal.

173

Além de destacar os espaços destinados às mulheres a autora compreende que o sistema patriarcal aliado ao sistema capitalista é racista e discriminatório, determinando os espaços ocupados especialmente pelas mulheres. Dizia Safiotti (1987, p.11)

a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais constitui o caminho mais fácil e curto para legitimar a 'superioridade' dos homens, assim como a dos brancos, a dos heterossexuais, a dos ricos.

Ao longo dessa obra a autora produz uma revisão dos direitos das mulheres e comenta suas constituições. Ela traz do sufrágio feminino no Brasil ao movimento que se tinha para financiamento das campanhas eleitorais. Safiotti nos instiga a participar de movimentos políticos, mas como fazer isso num país onde uma presidenta sofreu um golpe de estado e onde a representatividade política feminina é muito pequena?

Uma outra brasileira que sacudi diversas estruturas foi Lélia Gonzalez que sai de Belo Horizonte na sua infância, para acompanhar sua mãe e seu irmão, em direção ao Rio de Janeiro, que se gradua e torna-se professora, mas que até então não tinha questionado seu processo de branquitude - quando não se perceberá como negra sofrendo fortes pressões para enquadrar-se como branca - o qual inicia-se depois da morte de seu marido, onde vai buscar "seu auto-conhecimento" pelo candomblé, pela psicanálise e pela linguagem. Através de sua escrita criar conceitos que envolve a temática da negritude a ajudando a questionar o processo de branqueamento imposto pela sociedade brasileira. Nessa sacudida ela busca o movimento negro e feminista, onde tem algumas experiências de articulação política no cenário nacional. Rios e Ratts expressam a mulher que Lélia foi quando falam que ela

[...] “era uma mulher diaspórica, fora do lugar social destinado à mulher negra nas sociedades americanas (ou amefricanas) de passado escravista: o da escravizada, subalternizada, trabalhadora inferiorizada. Lélia não rompeu com esse lugar, mas lutou para que as mulheres negras fizessem o mesmo.”(2010, p. 145)

Estudando o patriarcado percebemos que as mulheres negras historicamente são mais exploradas que as mulheres brancas, seja nas formas de trabalho, seja nas remunerações. Seus salários são mais baixos, as funções exercidas pelas mulheres negras normalmente são aqueles trabalhos rechaçados pelas mulheres brancas, fora a escravidão que suportaram. Racista e sexista são intolerantes e não reconhecem as mulheres negras ocupando espaços públicos, espaços onde estão desenvolvendo o pensamento científico e produzindo conhecimentos.

174

METODOLOGIA

Apresento as experiências de um grupo de estudantes do curso de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -PUCRS - no mestrado em Educação desenvolvido no primeiro semestre de 2020. As experiências relatadas são construídas na disciplina de Gênero, raça e classe diante de um período totalmente atípico, onde vivemos uma pandemia que não nos permite estar fisicamente em sala de aula e estabelecermos debates e discussões presencialmente. Para a realização, da maioria, dessas discussões usamos a plataforma zoom como recurso educacional. Mesmo diante de um cenário totalmente diferente para nós realizamos leituras de autoras feministas que discutiam a inserção das mulheres brancas e negras na sociedade. Durante os seminários realizamos outras leituras de autoras como as estadunidenses para entendermos a temática, as quais não foram citadas.

Para compreender como o grupo de estudantes da pós-graduação estabelece suas aprendizagens me embaso na etnografia de Malinowski (2018), pois a compreendo como um método investigativo que ocorre no contato social,

nas manifestações de espanto, de negação de si e também de aceitação e compreensão de seus limites como seres que somos.

Para discutir a temática da mulher e especial a mulher negra nos questionamos quanto as nossas leituras de autoras negras feministas. Nos questionamos se nossas pesquisas no programa de pós-graduação em Educação podem dialogar com a temática e tanto (re)memoramos nossas experiências pessoais com as mulheres negras.

Dessa forma, foi por meio das discussões e das leituras que pude observar e buscar entender as manifestações das colegas e dos colegas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observei que minhas colegas e colegas se sentiram cansados em demasia em realizar as reflexões e perceber que a realidade de exclusão das mulheres brancas e principalmente das mulheres negras é ainda uma luta que necessita da participação de todos e que a reflexão das condições de vida das mulheres e das mulheres negras não faziam parte de seus projetos de pesquisas.

No entanto duas colegas negras manifestaram momentos de profundas reflexões como a de que muitas vezes não se davam conta de ter passado por situações de racismo e de negação da sua própria identidade. Já os colegas homens pouco se manifestavam. Mas os relatos que prevaleceram foram de que as leituras eram pesadas, de que a realidade era dura, mas distante, já que a maioria das estudantes são brancas e de classe média. As provocações pedagógicas feitas pelas leituras e pela professora ampliaram nosso olhar para seguir percebendo essas questões em nossa sociedade, já que eram poucos conhecidos e estruturados pelas estudantes.

Observo que nossas experiências sociais com as mulheres negras e com o conhecimento produzido por elas ainda é desconhecido pela maioria como nos coloca e que poucos se envolvem com os estudos como coloca Eggert

(2019) “[...] praticamente, todas tiveram aproximação com as mulheres negras, por meio do trabalho doméstico. Nenhuma teve alguma professora, médica, dentista ou prefeita negra.” (p.120)

176

CONCLUSÃO

Concluo que no Brasil temos muitas produções de feministas com bons debates, porém poucas mulheres têm conhecimento dessas obras, incluindo as estudantes de pós-graduação em Educação.

Observamos que o sistema capitalista, patriarcal e racista não quer que as mulheres participem ativamente da sociedade, como percebemos nas ciências e no sistema político. Mas, o que queremos é que as mulheres se conscientizem e busque individualmente e coletivamente questionar os espaços ocupados e procure novos caminhos para que tenham opções e seus desejos respeitados.

REFERÊNCIAS

EGGERT, Edla. Ainda sobre feminismo e suas possibilidades na docência da Pós-Graduação em Educação. **Imagens da Educação**, v. 9, n.º 3, e 48731, 2019.

GEBARA, IVONE. **A mobilidade da senzala feminina: mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo**. Editora Paulinas, São Paulo, 2000.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

RIOS, Flavia; RATTS, Alex. **Lélia Gonzales**. São Paulo: Editora Selo Negro. 2010.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. 7. Ed. São Paulo: Editora Moderna. 1987.

CONGREGA
SUSTENTABILIDADE, INOVAÇÃO
26 a 30 outubro
DIGITAL
TRANSFORMAÇÃO
2020

Revista da 16ª Jornada da Pós-Graduação e Pesquisa - Congrega

ISSN: 2526-4397 1982-2960

